



**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

**Eixo 14: Território, Planejamento, Desenvolvimento e Conflito.**

**Rural e Urbano, Campo e Cidade e sua relação entre tempo e terra: um ensaio bibliográfico.**

Marize Rauber Engelbrecht<sup>1</sup>  
Vantuir Trevisol<sup>2</sup>

**Resumo:**

Terminologias como rural e campo e cidade e urbano comumente são tratados como sinônimos para designar determinados espaços geográficos ou divisões territoriais. Nesse sentido, este artigo tem por finalidade abordar sobre estes conceitos demonstrando que tanto urbano e cidade não se referem às mesmas coisas, quanto campo e rural também não. Campo e cidade não são termos opostos a campo e rural, uma vez que fazem parte de um processo dialético, carregado com suas contradições e nuances, especialmente a partir da produção industrial. De igual forma, terra e tempo possuem particularidades quando relacionados ao urbano e ao rural.

**Palavras-chave:** Campo, Rural, Cidade, Urbano.

**Abstract:**

Terms such as rural and countryside and city and urban are commonly treated as synonyms to designate certain geographic spaces or territorial divisions. In this sense, this article aims to address these concepts by demonstrating that both urban and city do not refer to the same things, just as countryside and rural also do not. Countryside and city are not opposing terms to rural, as they are part of a dialectical process, laden with its contradictions and nuances, especially arising from industrial production. Likewise, land and time have particularities when related to the urban and the rural.

**Keywords:** Countryside, Rural, City, Urban.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo tem por finalidade fazer uma abordagem sobre o que se compreende como urbano, cidade, campo e rural. Trata-se de um debate fundamental considerando que não são somente palavras, mas termos carregados de sentidos e significados historicamente construídos. A finalidade não é fazer um recorte territorial (de discussão no Brasil ou América Latina) ou realizar uma discussão do que se considera como território (termo este também carregado de complexos e contradições), mas apresentar alguns apontamentos observados a partir da literatura utilizada, dentre eles a obra “Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural”, organizado por Maria Encarnação Beltrão Sposito e Arthur Magon Whitacker.

<sup>1</sup> Professora Associada C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: [omarize@hotmail.com](mailto:omarize@hotmail.com).

<sup>2</sup> Assistente social da Secretaria Municipal de Educação de Cascavel/PR, mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Assistente Social. E-mail: [vantuirevisol@hotmail.com](mailto:vantuirevisol@hotmail.com).



Categorias como campo, rural, cidade e urbano exige uma análise que ultrapasse definições administrativas ou espaciais, sendo necessário situá-las no interior dos processos históricos e sociais que lhes são constituídos, atravessados por elementos como localização espacial dos sujeitos, dentre outros marcadores sociais. Longe de serem sinônimos ou termos opostos de forma simples, esses conceitos expressam relações dialéticas marcadas por contradições, permanências e transformações, especialmente a partir do desenvolvimento do modo de produção capitalista e da industrialização. Este novo cenário não apenas intensificaram as relações entre campo e cidade, como também transformaram qualitativamente seus conteúdos.

Este artigo, fundamentado em revisão bibliográfica, busca problematizar essas categorias, evidenciando suas especificidades, inter-relações e os sentidos que assumem na produção e reprodução da vida social, inclusive no que se refere à percepção do tempo e à relação com a terra, que antes predominantemente vinculada ao valor de uso, passa a assumir centralidade enquanto mercadoria no capitalismo. Nesse movimento, as divisões entre campo/cidade, rural e urbano não desaparecem, mas passam a expressar contradições ainda mais complexas.

### **CAMPO E CIDADE, RURAL E URBANO: ALGUNS APONTAMENTOS**

A relação entre o que é considerado urbano e o que é considerado rural existe desde a Antiguidade, marcado por condições políticas e sociais que permitiram a divisão social e espacial do trabalho (biológica e técnica). A distinção entre rural e urbano foi marcado, inicialmente pela produção de um excedente dos produtos considerados básicos para a sobrevivência, fazendo com que alguns dos sujeitos das sociedades primitivas fossem liberados da função da produção agrícola. De igual maneira, os limites entre o que era considerado cidade do que era considerado campo eram mais contrastantes, em especial pelas cidades muradas do período medieval. (Endlich, 2010).

A autora aponta que nas sociedades anteriores, a separação entre campo e cidade corresponde à separação entre o trabalho material (no campo) e o trabalho intelectual (na cidade), como as atividades políticas, militares, filosóficas, entre outras. Essa distinção há de se destacar uma vez que é importante, pois a reflexão sobre rural e urbano somente é possível de ser analisada se compreender a relação na divisão do trabalho.

Os sintomas desta divisão podem ser encontrados em todos os setores da vida, que agora é comum a todos nós: na ideia e na prática das classes sociais; nas definições convencionais de trabalho e educação; na distribuição física de comunidades; e na organização temporal do dia, da semana, do ano e da existência (Williams, 1989, p.407)

Desta maneira, a existência de campo/ cidade e rural/ urbano é anterior ao modo de produção capitalista, mas que a partir dele, ganham novos contornos e nuances. Martins (1986) estabelece que o capitalismo está em expansão, seja no campo quanto na cidade, uma vez que sua lei é a da produção crescente, ampliada. Desta forma, a tendência do capital é atingir, progressivamente, todos os ramos e setores da produção, como campo, cidade, agricultura e



indústria.

Outra característica marcante a partir da industrialização (e ascensão do capitalismo) é a mudança da relação estabelecida com a terra. O que antes era utilizada como valor-de-uso, passa agora a se constituir também como valor-de-troca, haja vista que o capitalismo transforma tudo em mercadoria<sup>3</sup>.

Com o avanço das forças produtivas no campo a partir da intensificação e modernização da produção, passa a haver no campo, o desenvolvimento de um conjunto de atividades diferentes daquelas tradicionalmente desempenhadas.

Essas atividades, caracterizam-se pela incorporação de novos produtos agropecuários, industriais, prestação de serviços e atividades de entreterimento, caracterizadas pela busca de espaços bucólicos e/ou marcados pela tradição cultural, nos momentos de ócio. (Endlich, 2010, p. 12).

Martins (2012) destaca que elementos que antes compunham majoritariamente o urbano, se estendem aos territórios rurais em países como o Brasil. Exemplis que podem ser mencionados, dentre outros, é o ônibus (representando o moderno, com seus itinerários e horários definidos), a televisão (com seus programas e símbolos e corpos considerados belos), entre outros. O autor cita também o uso de vestimentas com dizeres em inglês que, mais do que a língua em si ou a tradução do que está escrito, seu uso representa a modernidade. Tais símbolos ocasionam a expansão vigorosa da paisagem rural e das relações sociais nela estabelecidas.

O desenvolvimento da sociedade capitalista (com suas contradições) e com ela o processo de aperfeiçoamento da produção possibilitou a descentralização de atividades econômicas para além das cidades, ou seja, também em áreas com pouca densidade populacional. Ou seja, a dinâmica da relação entre campo e cidade se altera no sentido de que cada vez mais tecnologias e sistemas produtivos desenvolvidos nas cidades são aplicados ao campo, mas não somente isso.

Com a industrialização, a cidade avança para o campo através da construção das primeiras indústrias, com a retirada de matérias-primas e com o movimento migratório. A cidade também se consolida no campo pela extensão da malha urbana, invasão – no campo – pelas tecnologias, pelos modos de vida, símbolos e trocas de mercadorias. Seria a “absorção” do campo pela cidade e a “explosão” da cidade no campo. (Sobarzo, 2010).

As cidades poderiam ser consideradas enquanto prevalência dos valores de troca e dos costumes dos habitantes sobre os valores de uso e sobre a produção existente no campo. Neste processo, a oposição entre cidade e campo se atenua, enquanto que entre o rural e o urbano se acentuam, pois há uma mescla entre campo e cidade, mas um distanciamento nas concepções do que se é considerado como urbano, do que se é considerado como rural (Sobarzo, 2010).

---

<sup>3</sup> No modo de produção capitalista, o que se define é que o capital, ao transformar a terra também em mercadoria, retira-lhe sua renda, a renda da terra. Como este não é o foco desta construção, sugere-se consultar Martins (1986) e Martoni (2023) para maiores aprofundamentos sobre o tema.



A cidade pode ser concebida enquanto uma realidade presente, um dado que é prático-sensível, uma morfologia material; o urbano corresponde a uma morfologia e realidade social, mediadas pelo pensamento. “[...] as relações entre cidade e urbano são estreitas, já que é impossível para a vida urbana dispensar uma base prático-sensível que se constitui em produto e condição da dinâmica social.” (Sobarzo, 2010, p. 58).

Nesse sentido,

A constituição do “urbano” supõe a superação dessa divisão, a sociedade urbana se estende planetariamente, mas sem supor o desaparecimento das atividades agrícolas, cidade e campo permanecem, as relações se transformam e as formas ganham novos conteúdos. (Sobarzo, 2010, p. 61).

Em analogia ao rural e ao campo utilizar as mesmas “métricas” não teria sustentação, pois o que se refere ao urbano não está restrito à parcela das pessoas que residem na cidade. O processo de industrialização transforma o campo e a cidade e altera a relação entre o rural e o urbano. A vida urbana (em sua concepção ideológica) penetra e despoja a vida camponesa de seus elementos caracterizantes, como o artesanato e os pequenos centros. As aldeias perdem a identidade camponesa, alinhando-se – ainda que com suas resistências – com a cidade e os centros urbanos – com seus centros de decisões, redes de distribuição, áreas comerciais, entre outros. (Lefebvre, 2011).

O rural também não se constitui com um todo homogêneo, mas com características particulares em alguns aspectos. Isso não significa que características heterogêneas do rural não se relacionem e também não se mesquem nos territórios<sup>4</sup> em que se situam. Dentre características particulares é possível citar: propriedade fundiária que está intimamente relacionada às forças e relações produtivas específicas mais artesanais, com divisões incipientes de trabalho, relações de vizinhança pautadas na cooperação, indústrias artesanais e relação mais próxima dos indivíduos com a natureza exterior, com significados muitas vezes românticos e bucólicos. Outros aspectos do rural se constituem por forças produtivas que expressam inovações técnicas, uso de tecnologias de ponta, trabalho assalariado e indústrias modernas. “Há diferentes conjugações entre as mudanças e as permanências, espacialidades e temporalidades, para diferentes relações espaço-campo.” (Saquet, 2010, p. 159).

O estilo de vida urbana adentra o rural através de elementos materiais, como a eletricidade, o carro, o gás butano, utensílios plásticos, a televisão (e também a internet), o mobiliário considerado como moderno, entre outros. Adentra o rural também por elementos não materiais, como os lazeres urbanos a exemplo das danças, músicas, costumes, preocupação com a segurança e com a previsão para o futuro, dentre outras modas que vêm da cidade. O urbano, na atual conjuntura societária representa a razão, “[...] em suma, uma racionalidade divulgada pela cidade.” (Lefebvre, 2011, p. 19).

---

<sup>4</sup> O aponta território possui como principais elementos constitutivos: 1) identidade (referência, enraizamento, afetividade, lugar), 2) relações de poder, dominação e subordinação e 3) redes de comunicação e circulação visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, infraestruturais e abstratas. Esses três elementos estão interligados e possuem uma interrelação. “Há, no território, a referência a identidade e o estar em movimento; enraizamento e conexão, unidade na diversidade e diversidade na unidade.” (Saquet, 2010, p. 161).



Além disso, as transformações que o processo de urbanização produz nas comunidades rurais são marcadas pela proposição ou imposição ao homem rústico de alguns traços da cultura material e imaterial, como por exemplo, o ritmo de trabalho e sua individualização, relações ecológicas modificadas, abandono de crenças tradicionais. (Endlich, 2010).

Lefebvre (2011) aponta que o rural e o urbano não se neutralizam reciprocamente, mas se relacionam dialeticamente, tendo o termo *rurbano* para exprimir tal relação, ou seja, a fusão de uma sociedade urbana sobre o campo a partir de seus modos de (re) produzir-se socialmente.

Na perspectiva do urbano enquanto um modo de vida, o rural é consideravelmente atingido na medida em que sofre a influência por meio de contatos e comunicação. “Os investimentos urbanos, o modo de vida urbano que extrapola as cidades, demonstram que, historicamente o urbano atinge o rural. Há predomínio da mentalidade econômica e domínio monetário, imposições dos interesses urbanos.” (Endlich, 2010, p. 20).

A autora, a partir de Lefebvre aponta que o rural é tratado enquanto uma condição pretérita que gradativamente é superada material e culturalmente. O aspecto do rural seria concebido de tal maneira cuja sobrevivência somente seria possível através de muito trabalho e que o resultado desse trabalho traz um retorno mínimo para sobreviver. É marcado pela constituição de grupos sociais coesos para a realização das atividades agrícolas, permeada por costumes e expressões de disciplina coletiva com a valorização do casamento e das relações de compadrio, uma vez que a sobrevivência do grupo dependia do trabalho e do apoio coletivos (Endlich, 2010).

**Figura 1** – Representação artística acerca do Rural em uma obra do século XIX.



**Fonte:** Obra “Apertando o lombinho”, de Almeida Junior. Oléo sobre tela, 1895. Pitacoteca, 2026 (acervo digital).

Embora haja esse “debruçar-se” do urbano sobre o rural e da cidade sobre o campo,



este não é um polo passivo desta relação:

Essas novas relações cidade/campo não devem ser pensadas como de dependência ou de “mão única”, já que não é somente a cidade que irradia conhecimento, a racionalidade ou os comportamentos para o campo, mas é o campo que em função de suas demandas determina alguns processos na cidade. (Sobarzo, 2010, p. 56).

A complexidade em tratar acerca do urbano e o rural ocorre, desta maneira, justamente em razão de que um não apaga o outro e que, tampouco, o urbano levaria o rural à extinção. O rural, a partir das novas formas de produção e de trabalho muda sua maneira de se organizar, passando ser local de produção agrícola para compor atividades, que antes eram somente presentes nos centros urbanos como, por exemplo, o lazer, prestação de serviços e moradias. (Rosa; Ferreira, 2010).

**Figura 2** – Foto que ilustra a atividade de turismo rural.



Fonte: Parque Maeda/Divulgação.

Tais ações alterariam as configurações econômico-sociais onde as especificidades do campo/ cidade seriam diminuídas. Desta maneira, o rural não seria sinônimo de carência ou atraso, ou equanto obstáculo ao desenvolvimento social, mas diversificado, com distintas formas de existência e diversidade. Além disso, permanecem em meio à urbanização, focos de “ruralidade pura”, comumente composta por pessoas envelhecidas e não “adaptadas”; o estilo de vida rural cai no folclore (Lefebvre, 2011) ou são considerados como pitorescos (Endlich, 2010).

Ainda conforme Sobarzo (2010), as transformações nas relações entre campo e cidade não pode ser entendidas como evolucionista, em que a era industrial suprima a agrária. Isso porque, há a presença de atividades agrícolas na era industrial, inclusive com sua ampliação na perspectiva produtiva.

Nessa perspectiva,

É muito comum dizer-se “a cidade” para referir-se ao capitalismo, à burocracia ou ao poder centralizado; e o “campo” [...] associado a ideias tão diversas quanto a independência e a pobreza. Contudo tem que ver o processo como um todo, confrontar realidades históricas com as ideias (Williams, 1989, p.390)



Porquanto, concepções sobre o rural e o urbano estabelecidos a partir de limitações administrativas, de dispersão enquanto rural e aglomeração enquanto urbano, por densidade demográfica (habitantes por m<sup>2</sup>) ou por ocupação econômica, sem analisar a historicidade que se constituem os fatos e processos, recai em uma análise estática, porque torna inadequada a compreensão da dinâmica social que ali se faz presente. (Endlich, 2010).

É nessa conjuntura que tratar rural e campo, urbano e cidade, como sinônimos ou então enquanto termos opostos são arriscados, pois é concreto o processo de avanço das cidades sobre o campo e também uma valorização do rural pelo urbano. Isso corrobora com o aspecto de que as especificidades da vida rural não são facilmente eliminadas, mas com a permanência de costumes, tradições, valores e crenças. (Rosa; Ferreira, 2010).

Desta forma, rural não pode ser definido somente pela agricultura e o urbano somente pela indústria. Rural e urbano se relacionam de maneira recíproca e embricadas inerentes a formas de vidas distintas, com suas complexidades e heterogeneidades. “O que varia, são os arranjos, as intensidades, formas e conteúdos, as velocidades. Um só pode ser compreendido em suas relações com o outro, pois um está no outro, só vem a ser pelo outro, numa relação complementar, dialeticamente definida.” (Saquet, 2010, p. 160).

Tecer análises acerca desses termos requer situá-los, conforme apontam as autoras em diferentes eixos (legal, espacial, social, econômico, entre outros), que distanciam ou aproximam o rural e o urbano, uma vez que a população urbana e rural são constituintes de uma mesma sociedade.

## **A DIMENSÃO DO TEMPO E A RELAÇÃO COM A TERRA ENTRE O URBANO E O RURAL**

Bagli (2010) aponta que embora as transformações apontem para uma aparente homogeneização dos espaços urbano e rural por conta da difusão de características comuns, a intensificação dessas relações são estabelecidas por conta de suas peculiaridades.

Uma das características trazidas pela autora é em relação ao tempo: no urbano, a percepção de tempo e a relação com ele se apresenta de maneira mais enfática, por conta das constantes transformações percebidas, especialmente na paisagem. “Nas casas e prédios construídos e destruídos, nas ruas e avenidas traçadas e alargadas, no fluxo das pessoas e dos automóveis.” (Bagli, 2010, p. 83).

No urbano, o tempo é constituído sob uma rotina mais mecânica, especialmente porque a forma que o tempo é apropriado não está relacionado diretamente a questões naturais. “O tempo é movimento no urbano, e é sobre esse constante movimento que são construídos referenciais, hábitos e costumes.” (Bagli, 2010, p. 83). Sob a lógica do urbano, a rapidez dos acontecimentos é que determina o modo de vida, tendo o tempo do relógio uma importância essencial.

Para o urbano, a terra é chão (Bagli, 2010), onde o trabalho é exercido não nela, mas sob ela. Nesse sentido, a relação urbana com a terra não possui os mesmos significados e sentidos que a terra para o rural.



O tempo para o rural está atrelado a uma lógica mais próxima da natureza e da territorialidade, sentidas de maneira menos acelerada, ainda que também aconteçam. Ele está atrelado à lógica da natureza porque influencia profundamente os processos produtivos relacionados ao plantio, poda e colheita, por exemplo, ou seja, o rural também é transpassado pela lógica capitalista, com ampliação da intervenção na natureza, ainda que as forças do capital não a dominem completamente.

Silva (2003) destaca que a produtividade na agricultura está ligada a três fatores naturais mais ou menos comuns e que determinam o processo de produção, independentemente do modo de produção: São os processos biológicos, que corresponde ao fato de que a produtividade necessita seguir um processo que não pode ser alterado, colher sem plantar, por exemplo; os condicionantes naturais, como as chuvas, calor, umidade, etc. e a *terra*, que é a base para a produção. A tecnologia possibilitou e possibilita a criação de máquinas, sementes e adubos cada vez mais aprimorados. Contudo, mesmo com o seu desenvolvimento no campo, a produção se mantém condicionada aos fatores naturais, não podendo se produzir, por exemplo, feijão em horas e madeira em dias.

**Figura 3** – Produção de aves em escala industrial com uso de tecnologia de ponta.



Fonte: Agromarau/Divulgação, 2023.

A percepção sobre o tempo no rural está relacionada à forma como esse tempo é apropriado pelas pessoas que ali vivem e, portanto, de produção e reprodução das relações sociais, que embora com o processo de urbanização, possuem ainda particularidades em relação ao urbano.

Outra questão de relevância entre o urbano e o rural é a relação com a terra. Como mencionado acima, a terra no modo de produção capitalista também assume a função de valor-de-troca. Entrelaçado à essa lógica é que a terra, para o rural, relaciona-se a uma lógica de produção, como um “berço”. Os hábitos humanos são formados a partir da relação estabelecida entre o trabalho e a terra<sup>5</sup>. Mesmo sob a lógica exploratória e impessoal do capital

<sup>5</sup> A autora menciona ainda a terra como lazer, como é o caso do turismo rural ou dos pescueiros, normalmente situado às margens das cidades e cujos consumidores desses espaços são, em sua maioria, pessoas que vivem nas cidades.



sobre a terra, esta é peça fundamental para o processo produtivo.

A dimensão da interrelação entre urbano e rural não se apresenta como tarefa simples e também carrega seus complexos: a própria discussão que tem sido feita em torno do rural, que para se manter com tal característica deveria abdicar dos avanços tecnológicos e científicos conquistados pela humanidade e que comumente se apresentam de forma inicial nos espaços urbanos. “Como se o uso de tecnologias fosse um apanágio dos espaços urbanos. Como se os espaços rurais tivessem predestinados ao permanente atraso para se manterem como tais.” (Bagli, 2010, p. 95).

De acordo com a autora, o pensamento linear de que o rural somente pode ser conservado pela abdicação de tudo o que não seja endógeno, prejudica a análise das múltiplas contradições que se expressam na produção e reprodução dos espaços – e também das relações sociais. Isso porque ao associar o urbano somente a partir do viés da infraestrutura excluiria, por exemplo, parcelas significativas das favelas brasileiras, que não contam com infraestrutura adequada, mas que estão também situadas nos espaços das cidades. “A condição para ser rural ou urbano não está dada pela presença ou ausência de infraestrutura. Envolve outros aspectos que ultrapassam a mera aparência.” (Bagli, 2010, p. 96).

As contradições e complementariedades entre rural e urbano destroi e recria hábitos, expulsa e incorpora pessoas, fatos e costumes, de um e de outro. Portanto, não é possível compreender tais aspectos como isolados ou opostos entre eles.

Por fim, ao fazer tais análises e reflexões sobre rural e o urbano e também sobre o campo e a cidade, não se constituírem como campos homogêneos, lineares. Há de se fazer seus recortes e considerações, inclusive sobre em quais territórios estão localizados os sujeitos (periferias das cidades, áreas de alagamentos, latifúndios, acampamentos ou áreas de ocupações, entre outros) e também dos recortes como cor e gênero, que interferem na forma pela qual os sujeitos se relacionam com o urbano e com o rural, em especial em um país marcado pelo processo de desigualdade e escravidão, como o Brasil. Tais considerações possibilitariam uma intervenção na realidade, seja no aspecto profissional ou de ações de políticas públicas mais dialógica e próxima da realidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise desenvolvida permite afirmar que rural e urbano, campo e cidade, não podem ser compreendidos como categorias estanques, homogêneas ou opostas. Ao contrário, constituem dimensões interdependentes de uma mesma totalidade social, atravessadas por contradições históricas, econômicas e culturais. O que se observa é um processo contraditório de integração e diferenciação, no qual o capital reorganiza continuamente os espaços, redefine funções e produz novas formas de desigualdade e complementariedade. O avanço do capitalismo e da industrialização reconfigurou profundamente essas relações, promovendo aproximações, mesclas e redefinições de sentidos, sem, contudo, eliminar especificidades que são características de cada uma.



A expansão da racionalidade urbana — entendida não apenas como infraestrutura, mas como modo de vida e lógica de organização social — a partir da industrialização atinge o rural, ocasionando transformações em suas práticas produtivas, culturais e simbólicas. Contudo, o rural não se dissolve, mas incorpora tecnologias, diversifica atividades e mantém especificidades vinculadas à relação com a terra e com o tempo, ainda que sob forte influência da lógica mercantil.

Compreender as categorias campo, cidade, rural e urbano exige situá-las em seus contextos históricos e concretos, considerando aspectos espaciais, sociais, econômicos e também outros elementos como classe, gênero e território, termos esses que podem ser constituídos como provocações para futuros estudos.

Ao levar em conta a complexidade das questões tratadas, evita-se uma leitura simplificadora e reconhece-se a complexidade que marca as dinâmicas contemporâneas entre campo e cidade.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de. **Apertando o lombinho**. 1895. Óleo sobre tela. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.pinacoteca.org.br>. Acesso

BAGLI, Priscilla. Rural e Urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. *In: Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 81-110.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o rural e o urbano. *In: Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 11-31.

GALPÕES para novos aviários: como a Solução Integrada Cumberland Agromarau entrega a estrutura completa. Disponível em: <https://www.cumberlandpoultry.com/sa/pt/cumberland-blog/galpoes-para-novos-aviarios-como-a-solucao-integrada-cumberland-agromarau-entrega-a-estrutura-completa/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

LEVEBRE, Henri. **O direito à cidade**. 5 ed. São Paulo: Yangraf e Editora, 2011.

MARTINS, José de Souza. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTONI, Rodrigo Meira. A Mercadoria-Terra e os condicionantes dos instrumentos de captura de mais-valia fundiária. *In: Território e Gestão de Políticas Públicas: contribuições ao debate*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

[Passeio de trator em atividade de turismo rural]. 2026. Disponível em: <https://noticias.broto.com.br/agricultura/turismo-rural-brasil/>. Acesso em: 21 fev. 2026.

ROSA, Lucelina Rosseti; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um *continuum*. *In: Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 187-204.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudoeste Paranaense. *In: Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 157-186.



SILVA, José Graziano. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2003.

SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. *In: Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 53-64.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras. P. 387 a 409.